

CULTURA - Professor e pesquisador da Universidade de São Paulo fala sobre a importância da mitologia na formação cultural do Rio Grande do Sul

Em busca da ancestralidade quase esquecida

Pablo Rodrigues

“A principal dívida que temos com nossos ancestrais não é voltarmos a viver do modo como eles viviam, mas sermos nós mesmos.” Com essa frase o professor livre-docente da Universidade de São Paulo (USP), Marcos Ferreira, se referiu à importância de admitir na ancestralidade o ponto inicial para o reconhecimento da própria identidade cultural.

Ferreira esteve em Pelotas durante a última semana para realizar conferência no Instituto João Simões Lopes Neto sobre a relação das mitologias pampianas com o processo de formação identitária do povo gaúcho. Elementos do conto *A Salamanka do Jarau* - retrabalhado pelo autor de *Lendas do Sul* - como a Teiniaguá foram destacados pelo professor.

Em entrevista ao **Diário Popular** na sexta-feira à tarde Ferreira destacou o valor do criador de Blau Nunes: “Por ter reconhecido a grande sabedoria contida nos mitos e os ter imortalizado de forma poética e literária, Simões Lopes Neto possui para nós brasileiros a mesma importância que Homero aos gregos.”

O FEMININO COMO SÍMBOLO

Ainda que na superfície a mulher tenha sido discriminada e maltratada em parte da história oficial do Rio Grande do Sul, Ferreira afirmou que o Estado é “maternal”, ou seja, possui matriz feminina. “As mulheres sempre foram na história gaúcha o esteio. A personagem Ana Terra, criada pelo Erico Verissimo, de certa forma é um arquétipo da mulher no Rio Grande do Sul.”

“João Simões Lopes Neto possui para nós brasileiros a mesma importância que Homero aos gregos”

Marcos Ferreira,
livre-docente da USP



Chico Madrid - Especial - DP

GLOBALIZAÇÃO

O processo de globalização, na opinião de Marcos Ferreira, quer massificar as culturas, torná-las idênticas. O professor e pesquisador citou a declaração de um líder indígena Quechua - “Frente ao império da morte, nós sobreviveremos” - para afirmar que as culturas regionais resistirão às tentativas de padronização.

Ferreira ainda salientou: “Nos grandes centros urbanos, se pensa que a globalização é inevitável. Porém, ao passo que ela avança também avança a resistência a ela através do reconhecimento de nossa própria cultura e tradição.”

PALAVRA, CANTO E SILÊNCIO

A tradição oral continua viva, ainda que a valorização da escrita seja muito maior na sociedade atual. Ferreira cita como exemplo a importância que os índios guaranis dão aos nomes. “É dádiva divina o poder de nomear as coisas. Por isso eles procuram não mentir nem amaldiçoar alguém.”

O professor reconhece no canto a principal forma de ensino dos mitos de origem, do significado profundo dos nomes, a revelação do futuro e à memória do passado. Assim Ferreira ressalta, no artigo *A sacralidade do texto em culturas orais* publicado na revista *Diálogos* em 2004, a importância do canto: “O que se sucede ao canto, através da potência da palavra, é o momento sublime de reencontro com o sagrado: o silêncio.”